

## **ATENDIMENTO A PAIS AGRESSORES: ORIENTAÇÕES PARA A UTILIZAÇÃO DE MÉTODOS ALTERNATIVOS DE DISCIPLINAR**

Coordenador: RENATO ZAMORA FLORES

Autor: Graziela Aline Hartmann Zottis

**INTRODUÇÃO** Um número crescente de países tem estabelecido as punições físicas como uma infração aos direitos da criança e um risco ao seu desenvolvimento. No Brasil, acidentes e agressões são a principal causa de morte de crianças de 1 a 6 anos (quase 1/4 dos óbitos). O Ambulatório da Saúde e do Comportamento Violento com frequência recebe pais acusados de abuso físico contra seus filhos (encaminhados por conselhos tutelares, escolas, delegacias, etc.) para acompanhamento e orientação. Ainda que certos autores defendam a palmada, é inviável explicar a um pai ou mãe, acusado de agredir violentamente seus filhos, qual intensidade não é considerada abuso. Assim, nosso posicionamento é radicalmente **CONTRA** as punições físicas. **METODOLOGIA** \* encontros semanais com os pais e a criança. \* contato freqüente com outros membros da rede de proteção para monitoramento. \* visitas domiciliares. **OBJETIVOS** \* orientar pais com história de maus-tratos contra seus filhos a utilizarem métodos alternativos de disciplinar. \* fornecer subsídios aos pais para que seus filhos sejam educados para tornarem-se adultos que saibam viver em sociedade. **RESULTADOS:** Porque nos posicionamos contra as punições físicas? Porque a curto prazo: \* aumentam o risco de que as crianças sejam vítimas de abusos físicos, pois a tendência é a intensidade das punições aumentar a cada reincidência. \* são pouco eficazes, se o que se almeja é obter o entendimento, pela criança, do que é certo e do que é errado. \* aumentam a agressividade das crianças, que relacionam a agressão à vontade dos pais em terem seus desejos atendidos, fazendo com que ajam da mesma forma sempre que tiverem seus desejos contrariados. \* passam a idéia incorreta de que o meio adequado de se obter o que se deseja é através da força. \* determinam um relacionamento pai-filho baseado no medo e não no respeito. \* aumentam a ansiedade e diminuem a confiança da criança. \* com o passar do tempo, a criança deixa de se importar, diminuindo a única vantagem que as punições físicas apresentam: a obediência imediata. Finalmente, punições físicas podem fazer com que as crianças evitem se comportar mal diante dos pais para evitar a punição, mas não ensinam as crianças a serem responsáveis, independentes e se comportarem de modo socialmente e moralmente aceitável. A longo prazo, aumenta a probabilidade de a criança tornar-se um adulto: \* com comportamentos anti-sociais,

agressivos e criminais. \* vítima de abusos físicos por parte do parceiro ou agressor de filhos e parceiros, pois estabelece que a violência física nos relacionamentos afetivos é aceitável. \* com baixo autocontrole, aumentando a probabilidade de delinquência. Alternativas às punições físicas. Entre as orientações dadas aos pais estão: 1. conte até 10: diga "O que você fez me deixou muito bravo. Falaremos sobre isso mais tarde", dando tempo não só a você para pensar no que e como dizer, como à criança, para pensar no que fez de errado. 2. seja positivo: não diga "Será que eu tenho sempre que mandar você tomar banho? Você não entende?", mas "Por que você não vai tomar banho para que possamos assistir ao desenho juntos?", deixando claro que isso só ocorrerá quando ela tiver tomado banho. 3. estabeleça regras e conseqüências: utilize regras apropriadas para a idade da criança e explique as conseqüências do não cumprimento. Ex: enquanto não fizer o tema, não verá tv. Seja inflexível para que ela aprenda a importância de cumprir acordos. 4. ensine-a a assumir as conseqüências: errar é humano. Explique que os erros devem ser corrigidos, incentive-a a desculpar-se e fazer algo para compensar. Surrá-la ensinaria a não repetir o erro, mas também a esconder erros futuros, mentir, culpar os outros e evitar ser pega novamente. 5. critique a ação, não a criança: incentive-a a agir corretamente, ao invés de utilizar rótulos de "burra", "porca", "mal-educada". 6. encoraje e recompense o bom comportamento: diga a ela o quanto você ficou feliz por ela ter feito o que você pediu, mas evite presentes ou dinheiro como compensação: o bom comportamento não é matéria de negociação. Ensine-a a agir corretamente para seu bem, orgulho dos pais ou, simplesmente, porque é adequado fazê-lo. 7. dê explicações, não faça ameaças: se você explicar porque ela deve fazer o que você quer que ela faça, estará dando razões para que ela se comporte. 8. dê bons exemplos: não espere que a criança queira aprender a ler se ela nunca viu os pais lendo um livro; se você utiliza "obrigado" e "por favor", será mais provável que ela o faça. 9. negocie: avise que ela pode ver tv por mais 10 minutos antes de desligar. Deixe que ela se programe para encerrar o que está fazendo e mostre que você entende que o que ela está assistindo é importante para ela, mas tem limite. 10. dê opções: se ela implica com a comida, pergunte "Você quer cenoura ou brócolis?" ao invés de "Você quer brócolis?", cuja resposta provável é "Não". Dessa forma, você estará demonstrando que a opinião da criança é levada em consideração, mas comer legumes não é negociável. 11. seja amável, mas firme: agache-se para ficar na altura da criança, faça contato visual, toque-a gentilmente e fale calmamente, de forma direta, o que você espera que ela faça. É mais provável que ela o ouça do que se você gritar. 12. destine um tempo somente para ela: crianças precisam de atenção. Se a única forma de ela obtê-la é comportando-se mal, é isso que ela fará. 13. use quadros para

incentivar o bom comportamento: atividades diárias cumpridas corretamente e sem brigas merecem um ponto para aquele dia. Se ao final de semana ela tiver atingido o valor acordado de pontos, compense-a com um passeio no parque, fazendo brigadeiro, etc.. Se o mau comportamento persistir, punições psicológicas podem ser utilizadas, como: 1. time-out: sente a criança na "cadeira do pensamento" (sempre a mesma, no mesmo lugar, longe da tv ou brinquedos) por um número de minutos igual a sua idade. Diga que ela deve ficar ali para pensar no que fez. Não converse com ela durante este tempo. Após, converse com ela sobre o que ela pensa ser a razão do castigo. Funciona com crianças acima de 2 anos. 2. proíba algo do qual ela goste por um tempo determinado: como ver tv ou jogar futebol na rua. O tempo deve ser compatível com a gravidade da ação. 3. abraço de urso: sente-se no chão com a criança, aproxime-a de costas contra seu peito, prenda suas pernas com as suas e os braços com suas mãos. Não aperte demais para não machucá-la. Imobilize-a até que ela canse de se debater e relaxe. Só então faça contato visual e explique a razão. Faça isso sempre que ela morder, chutar ou agredir outras crianças. A sua presença e seu calor demonstram que você a ama, mas o não contato visual e a imobilização são a punição pelo mau comportamento. A idade limite para utilizá-lo depende do tamanho da criança e do seu próprio tamanho.

**CONSIDERAÇÕES FINAIS** Buscamos incentivar o respeito entre dois seres humanos, e não a autoridade- medo entre desiguais. Criar filhos deve ser entendido como um investimento a longo prazo com os qual os pais se comprometeram ao tê-los. É um trabalho 24h. O Ambulatório da Saúde e do Comportamento Violento está comprometido com sua responsabilidade social, buscando dar suporte a pais que não tiveram a mesma oportunidade quando crianças e proteger seus filhos, de modo a propiciar a eles um ambiente adequado para seu desenvolvimento.